



A TRAGÉDIA COMO MEDIANIA ENTRE GÊNEROS LITERÁRIOS

Matheus Marcus Gabriel Mellado (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Mateus Ricardo Fernandes Ferreira (Orientador), e-mail: matheus1mellado@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR

Filosofia/ História da Filosofia.

Palavras-chave: Aristóteles, Poética, Gêneros Literários

Resumo:

Esta pesquisa tem seu foco na teoria de gêneros literários exposta por Aristóteles em sua obra “*A Poética*” e no modo como suas considerações foram lidas e interpretadas por estetas e pensadores que se dedicaram a estudar o fenômeno trágico grego. Pretendemos evidenciar a essência dos três gêneros literários originais – o lírico, épico e dramático – apresentando como são concebidos os dois primeiros em suas formas puras e argumentando como o terceiro, ao qual pertence a expressão literária trágica, pode ser compreendido como uma mediania entre os demais. Essa estratégia requer a compreensão de como se dá a interação entre o artista e sua realidade, mais especificamente como o modo pelo qual ele assimila e interpreta o mundo interfere diretamente em sua criação artística.

Introdução

Nos capítulos iniciais de *A Poética*, o primeiro tratado sistemático sobre estética e literatura da história, Aristóteles estabelece parâmetros necessários para diferenciar os três gêneros literários primordiais – o lírico, o épico e o dramático – e os aspectos qualitativos fundamentais que os mesmos possuem. A poética é apresentada pelo pensador como *mimesis*, imitação. Esse é o gênero a que ela (ao lado da escultura, da pintura, etc.) pertence. A imitação poética, a princípio realizada de maneira torpe e improvisada, atingiu com o tempo diferentes estilos, consolidando



**FUNDAÇÃO
ARAUCÁRIA**

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Ciência, Tecnologia
e Ensino Superior



preferências e visões artísticas específicas, tais como o jambo, a tragédia, a comédia, a epopeia, etc.

Essas espécies de obra literária imitativa são distinguidas por três critérios constitutivos: os meios, os modos e os objetos de imitação. São meios de imitação o ritmo, a linguagem e a harmonia. São objetos de imitação as ações de homens. Estes podem ser ou de elevada ou de baixa índole; ou as ações de um indivíduo são más, referentes os erros por falta ou excesso, ou são boas, referentes ao meio termo desses dois extremos (cf. ARISTÓTELES, 2008 – 1106b 25-34). Por fim, pelos mesmos meios um poeta pode imitar os mesmos objetos, mas de modos diferentes, podendo ser na forma narrativa (onde o poeta assume a personalidade das personagens ou a sua própria) ou mediante todas as pessoas imitadas, operando e agindo elas mesmas (cf. ARISTÓTELES, 1994 - 1448a 19).

Aristóteles define a tragédia como o gênero literário que imita ações de caráter elevado, por meio da encenação – ou, como é retratada em sua forma escrita, só com a presença das personagens, sem narradores no texto – e cujo modo segue uma linguagem bem empregada e que possui, por vezes, ritmo e harmonia. Além disso, é uma imitação que, “suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação (*katarsis*) dessas emoções” (1449 b, 24 a 27).

A epopeia, por sua vez, pressupõe a narração. Sobre a poesia lírica Aristóteles não discorre em seu tratado (presume-se que na segunda parte de *A Poética*, que foi perdida pelo tempo, ele trataria do ditirambo), entretanto Rosenfeld (2011, p. 22-24) aponta que, no capítulo III de *A Poética*, ao buscar uma definição e diferenciação entre a tragédia (drama) e a epopeia, o pensador diferencia duas formas de narração: aquela em que estão presentes tanto os autores quanto as personagens e aquela em que só o autor se manifesta (presume-se que a primeira corresponderia à épica e a segunda, à lírica).

Materiais e métodos

O método utilizado foi basicamente o de pesquisa bibliográfica, análise de argumentos e conceitos, discussão sobre os mesmos e elaboração de um texto monográfico sobre as conclusões alcançadas acerca da temática. Os materiais foram essencialmente artigos e livros.

Resultados e Discussão





É característico do gênero trágico a representação de uma cosmovisão onde há uma ação conflituosa dividida em uma perspectiva objetiva (um mundo ou uma ordenação racional do mesmo) e uma perspectiva subjetiva (o caráter e pensamentos das personagens envolvidas na trama) que se desenvolve temporalmente em um presente contínuo (cf. LESKY, 1996). Assim como a épica, a ação que movimentava a trama dos fatos na tragédia deve possuir um começo, meio e fim bem delimitados. Isso assim deve ocorrer para garantir a própria unidade da ação exposta. Aristóteles apontou que a *mimesis* é mais bem realizada na tragédia do que na épica pelo fato de aquela ter uma ação que transcorre em uma unidade de tempo “suficiente” (de não tão longa e nem tão curta duração), fazendo dela mais fácil de ser compreendida que a longa cadeia de eventos que compõe a obra épica; e também pelo motivo de não haver um narrador que “quebre” a narrativa e a ilusão da *mimesis*. Assim, os espectadores se deixam levar pelas emoções suscitadas pela obra e atingem a *katarsis* com mais facilidade e intensidade.

A valoração que Aristóteles atribuiu à tragédia, ainda que não pelos mesmos motivos teóricos, reverberou fortemente no pensamento de vários autores da modernidade, que, por sua vez, qualificaram a tragédia – e o drama como um todo – como o mais significativo dos gêneros artísticos. Partindo dos pressupostos aristotélicos do que seria a essência do texto trágico, de autores da modernidade e das próprias obras dos tragediógrafos, chegamos à tese de que o movimento das disposições literárias da antiguidade clássica se fundamentava em uma dialética fechada – em outras palavras, as obras literárias possuíam um conflito a ser retratado com um princípio, meio e fim bem delimitados – e a criação artística em si se firma em um processo dialético aberto entre o mundo, o autor, a obra e o espectador ou leitor (cf. SZONDI, 2004).

Conclusões

O que podemos concluir com a discussão que levantamos é um panorama do que foi o fenômeno trágico grego, tanto em sua configuração como gênero literário – que foi composto a partir da combinação entre as perspectivas da lírica e da épica –, quanto em sua essência como a representação de uma cosmovisão que tenta expressar a relação dialética entre esboços de subjetividade e um mundo objetivamente determinado por divindades – desenvolvidas em um enredo verossímil e com um discurso que busca uma universalidade da trama dos fatos. Além das especificidades dos gêneros literários clássicos, podemos constatar o modo pelo qual as





obras gregas puderam servir de base e influenciar toda a tradição literária do ocidente até os dias atuais. Também podemos perceber como o pensamento aristotélico deu conta das expressões artísticas de seu tempo, mas também quais foram os limites de sua reflexão sobre o assunto e como seus pensamentos e conceitos foram aplicados e desenvolvidos para poder explicar de forma mais satisfatória a natureza e finalidade da literatura e da arte como um todo. Por último, podemos constatar a interação que o artista tem com sua obra, de como ele pode apreender a realidade e expressá-la através da arte com a finalidade de suscitar sentimentos nos espectadores e mostrar a eles uma perspectiva ou modo de se compreender essa mesma realidade.

Agradecimentos

Este trabalho é resultado de uma pesquisa financiada pela Fundação Araucária, à qual agradecemos.

Referências

ARISTÓTELES. **A Poética**. 4ª edição. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Souza.

ARISTÓTELES. **Ethica Nicomachea I 13 – III 8**: Tratado da Virtude Moral São Paulo: Odysseus, 2008. Tradução, notas e comentários de Marco Zingano.

LESKY, A. **Tragédia Grega**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996. Série Debates.

ROSENFELD, A. **O Teatro Épico**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011. Série Debates.

SZONDI, P. **Ensaio Sobre o Trágico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor LTDA, 2004. Tradução de Pedro Sússekind.

